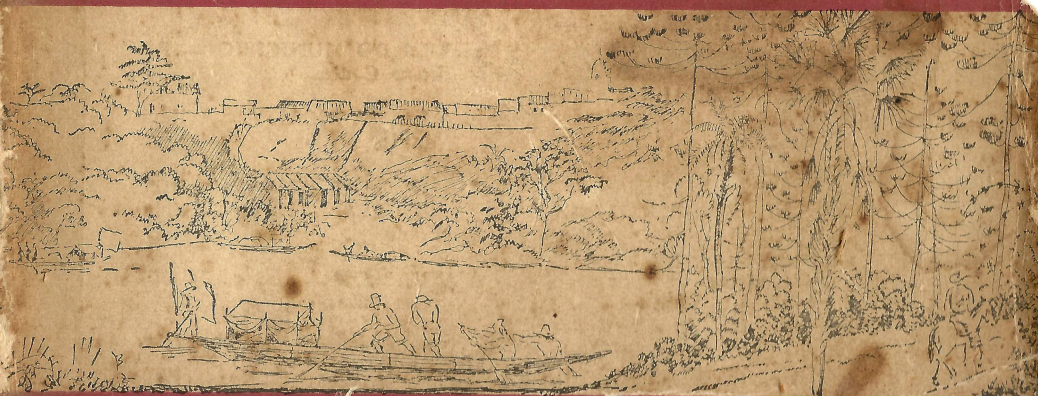


ANHEMBI

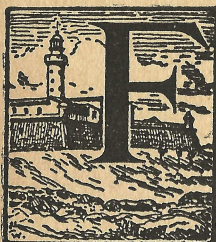
DIRETOR

PAULO DUARTE

NESTE NÚMERO: RAYMOND FURON — BRUNA
BECHERUCCI — MARIA IZAURA PEREIRA DE
QUEIROZ — RENATO JARDIM MOREIRA — J.
REIS — EUNICE BREVES DUARTE — T. C.
WORSLEY — ARMANDO FERRARI — MARCOS
MARGULIÈS



BRANCOS EM BAILES DE NEGROS



FOI através de reuniões dançantes que apareceu um certo meio social negro. O negro, que caíra num estado de anomia social por força das condições de vida que teve de enfrentar após a escravidão, só aos poucos foi-se integrando na sociedade de classes então emergente e reconhecendo-se como um grupo social à parte dentro da sociedade paulistana ⁽¹⁾. Isto resultou na formação de um “mundo” próprio onde a convivência social, além de facilitar a satisfação de necessidades básicas contribuía para aliviar as tensões a que estavam submetidos na sociedade geral. E esse “mundo” se plasmou graças à potencialidade integradora do baile que, pela natureza das relações primárias que se desenvolvem entre seus participantes e pela própria natureza da dança de casal, possibilita, ou encaminha para a satisfação de algumas necessidades biológicas, psíquicas e sociais básicas.

Êsses bailes aparecem promovidos pelos negros que se mantiveram ligados às famílias tradicionais. Por volta de 1920, havia bailes realizados em salões do centro, freqüentados por funcionários públicos de pequena categoria e motoristas daquelas famílias: “eram homens e mulheres bem vestidos, de maneiras delicadas e finas; o pedido de uma contradança era respeitoso e cerimonioso e os pares rodopiavam elegantemente pelo salão ao som de uma orquestra” ⁽²⁾. Ao lado dêsse tipo de baile, que lembra os padrões das velhas famílias paulistas, existiam “reuniões em casas particulares (em geral, cortiços) por ocasião de casamentos, aniversários e batizados” ⁽³⁾, freqüentados por negros que apenas começavam a integrar-se no sistema de classes emergente, continuando a maior parte ainda na condição de grupo residual, e que, em violento contraste com os moldes

(1) Cf. R. Bastide e F. Fernandes, in *Unesco-Anhembi: Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*, Anhembi, São Paulo, 1955; especialmente págs. 198-200.

(2) Informação de José Correia Leite.

(3) *Idem*.

do grupo acima, "usavam roupas de brim, tinham maneiras bruscas e dançavam com sanfona uma dança bastante tosca" (4).

A urbanização e industrialização de São Paulo, intensificadas com a primeira Grande Guerra, modificaram êsse quadro, acelerando a integração do negro no sistema de classes sociais. De fato, por volta de 1930, aparecem dois tipos de baile que correspondem, respectivamente, aos negros que se integraram na vida econômica da sociedade paulistana e aos que permaneceram na condição de grupo residual. São atitudes e interesses próprios a êsses dois grupos que vão ser observados, predominantemente, nos bailes negros, embora não se possa esquecer a persistência de alguns traços da situação anterior, mais nítidos nos do primeiro grupo, onde ainda hoje se conservam muitos dos padrões dos salões do centro.

Os dados que serão apresentados referem-se a dois salões, escolhidos, o primeiro por ser o mais conhecido dos bailes chamados familiares (havendo quem afirmasse "ser o único onde se pode levar a família"), e o segundo por apresentar a maior frequência relativa de brancos. Essas situações correspondem aos dois tipos de baile já apontados no parágrafo anterior: o baile de clube e a gafieira. Considerando que o segundo passou por uma série de transformações no que diz respeito às relações entre negros e brancos, assim como à sua organização, procurei apanhar dois momentos dêste processo de mudança a fim de apresentar, ao lado dos dois tipos já indicados, um terceiro, a que chamo boite, produto desta fase inicial de metropolização de São Paulo.

A noção de clube pressupõe, em geral, a existência de um quadro social para cuja admissão é necessária a apresentação por sócios e a submissão a uma comissão de sindicância que julga das possibilidades do candidato cumprir o regulamento e satisfazer a certas exigências de conduta, tidas como imprescindíveis para a consecução dos objetivos da associação (neste caso particular, a recreação num "ambiente familiar"). Por isso acho adequada a expressão baile de clube para designar o baile promovido por associações, freqüentado pelos sócios e suas famílias e onde se projetam os padrões e expectativas de comportamento e os mecanismos de controle de um grupo social do qual êle constitui um dos centros de interesse. A gafieira já é um tipo de baile público (5) caracterizado pela pre-

(4) Idem.

(5) Baile público, em oposição a baile de clube que exige do participante uma ligação anterior com o grupo promotor, é aquêlo que está, em tese, aberto a qualquer pessoa que se disponha a pagar um ingresso, comprar um convite, ou fazer uma certa consumação considerada obrigatória. Nesta categoria estão desde os bailes beneficentes das classes altas os "taxi dancings" e "cabarets"!

sença de homens de todos os grupos sociais, com a predominância, entretanto, dos de classe média e baixa, e de mulheres, na sua grande maioria, domésticas e comerciárias. Nas atuais condições de urbanização e industrialização rápidas de São Paulo, essas mulheres desvinculam-se socialmente e redefinem interesses e atitudes. Isto, ao lado da amplitude de variação de comportamento que a nossa organização social permite ao homem, vai agir no sentido de constituir-se um grupo de convivência onde, a partir dos novos interesses e atitudes, se desenvolvem padrões de comportamento diferentes dos dos vários grupos de onde provêm seus freqüentadores e, correlatamente, um sistema de controle social. A existência desses padrões, diferentes dos dominantes, leva a "sociedade" a ver a gafeira, de modo generalizado, como um antro de imoralidade e perdição. Esta caracterização de gafeira será completada em algumas direções ao esclarecer o sentido em que emprego "boite". Este termo era inicialmente usado para indicar os locais públicos de dança da classe social alta, mas, com o tempo, passou a designar os bailes aparentemente mais díspares. Entretanto, mesmo nos bailes de clube, reservados aos sócios, nos de formatura, nos beneficentes, etc., chama-se "boite" à pista de dança onde há menos luz e que é preferida pelas pessoas que têm um convívio mais íntimo, em geral, noivos e namorados. Até em reuniões dançantes realizadas em casas de família é comum na hora em que alguém, por brincadeira ou intencionalmente, diminui ou apaga a luz, designar-se a situação criada como "boite". Chega-se mesmo a falar em "ambiente de boite" para se referir a situações confusas e lugares escuros ou escusos, nos quais não se sabe bem o que está acontecendo ou o que poderá ocorrer. Por aí se vê que é constante no emprêgo usual da palavra a idéia de desligamento ou afrouxamento dos mecanismos de controle social e, em consequência, o desvio em relação às expectativas de comportamento dominantes. Parece que se justifica e é mesmo significativo o emprêgo do termo boite, introduzindo uma limitação em seu sentido, para indicar uma variedade de baile público freqüentado por homens de classe alta e média e mulheres de tôdas as camadas sociais e que se diferencia da gafeira por ter, à volta da pista de dança, exclusivamente, mesas onde são servidas bebidas, ao contrário do que acontece nesta última onde, além de mesas, há cadeiras isoladas para as mulheres. Esta disposição material já implica na emergência de um sistema organizatório diferente do da gafeira porque: 1) colocando os pares face a face nas mesas, durante os intervalos de dança, cria condições para desenvolver-se um convívio íntimo entre os casais; e 2) incentivando relações duais (homem x mulher) e, portanto, dificultando a constituição de um grupo de convivência, cria condições difíceis à aplicação de mecanismos externos, ou ao desenvolvimento de mecanismos inter-

nos, de contrôle social. Em resumo, esta caracterização dos diferentes tipos de baile está baseada, como se vê, na existência de padrões de comportamento e de mecanismos de contrôle social de um grupo de convivência projetados na situação baile (baile de clube), na constituição de um grupo de convivência que possibilita o desenvolvimento de padrões de comportamento e de mecanismos de contrôle social no próprio baile (gafieira), e na ausência de um grupo de convivência e conseqüente atomização da conduta, com os padrões de comportamento dos participantes sendo os dos grupos sociais de origem, ou definindo-se a partir de determinados interesses e, correlatamente, na falta de mecanismos de contrôle social (boite).

A descrição e análise do baile de clube serão feitas no item I, a da gafieira no II, e a da boite no III (6). Alonguei-me no item III a fim de pôr em evidência os fatores que condicionaram as mudanças ocorridas na transformação da gafieira em boite, pois êles contribuem para esclarecer tanto a situação inicial como a que dela decorreu. Como se verá, a primeira e a última das situações estudadas — baile de clube e boite (itens I e III) — correspondem a dois extremos nas relações entre brancos e negros: um, em que as relações permanecem num nível formal, mantido por uma atitude de desconfiança, do negro para com o branco; e outro, em que as relações se informalizam em conseqüência da atitude favorável (e agora se trata apenas da conduta da mulher negra) que se desenvolve.

As linhas acima já indicam a preocupação de analisar, neste artigo, as relações entre brancos e negros, da perspectiva da atitude do negro para com o branco, quando ocorridas no meio social negro, isto é, num grupo negro onde o branco é elemento estranho. Pretende-se, pois, fornecer dados para que se possa determinar a extensão em que o preconceito afeta a conduta do negro em relação ao branco (principalmente em I); contribuir para uma formulação futura de uma tipologia do preconceito que tome por base os processos estruturais da sociedade em que êle ocorre (as situações analisadas em I, II e III fornecem dados nesse sentido); e por último, pôr em evidência alguns dos fatores que promovem uma aproximação entre negros e brancos e sugerir, pois nem sempre o tornei explícito, as transformações que acarretam nas suas avaliações recíprocas (principalmente I e III).

(6) A maioria dos dados utilizados nos itens I e II, assim como parte dos apresentados no item III, foi coligida pelo A. para a pesquisa realizada em São Paulo em 1951-2 sob os auspícios de Unesco-Anhembi, pelos profs. Roger Bastide e Florestan Fernandes. Seus resultados estão publicados em Anhembi (vol. X — n.º 30; vol. XI — ns. 31-34) e recentemente, juntamente com os das outras pesquisas sobre relações raciais patrocinadas pelas mesmas entidades, foram reunidos em um único volume, já citado.) Esse material foi suplementado durante o ano de 1953.

I

O baile de clube que passaremos a analisar é organizado por uma associação de negros que conta, entre suas atividades, a realização de bailes mensalmente e em certas ocasiões festivas (carnaval, data de fundação, fim de ano), freqüentados pelos sócios e suas famílias. Como não fiz nenhum levantamento, é com a devida cautela que afirmo serem os chefes de família na sua maioria funcionários públicos, ocupando cargos que variam de contínuo até chefe de secção. A profissão dos rapazes e das moças é bem mais variada: dos primeiros, muitos trabalham em escritórios e, entre as últimas, a condição de professora normalista ou de estudante é bastante freqüente.

Essas famílias constituem um grupo de convivência cuja formação e integração se deu, por volta de 1930, com a participação de seus membros mais velhos nos movimentos reivindicatórios negros ocorridos nessa época. Eram indivíduos que, ou se achavam ligados às famílias tradicionais, ou estavam passando por um processo de ascensão social, quando, com a crise dessa época, se viram, de modo bastante dramático, ou excluídos da estrutura familiar, ou barrados em suas aspirações de ascensão (7). Apareceram, então, as condições que permitiram elevar ao nível de consciência o preconceito racial do branco, herdado da sociedade escravocrata do passado. Essa situação desenvolveu um sentimento de solidariedade e de defesa que promoveu a formação e integração de um grupo social, ao mesmo tempo que a emergência de uma consciência racial. Tendo-se isto verificado num momento em que os negros já haviam perdido sua cultura original, foram levados a apegar-se e a exagerar, como defesa ou auto-afirmação, os valores e padrões dos brancos, o que vale dizer, da família tradicional com que tiveram contacto íntimo e prolongado. (8).

Essas condições explicam a conduta dos participantes do baile, pautada por uma intenção consciente de evitar uma identificação com os "negros de gafieira" que, a seus olhos, estereotipam o negro das representações negativas do branco. Por este motivo, é proibido dançar o quadradinho, modo e moda de dançar samba na gafieira. Mas é quando se capta a sua conduta através dos mecanismos de contrôle, que se torna especialmente evidente a preocupação

(7) Cf. R. Bastide e F. Fernandes, op. cit., págs. 200-201. Ademais pretendo, num trabalho futuro, estudar esses movimentos sociais. Para os fins deste artigo basta tomar as conseqüências que interessam à situação específica que constitui objeto desta análise.

(8) Cf. Antônio Cândido: "The Brazilian Family" in T. Lynn Smith e A. Marchand (eds.): Brazil: Portrait of Half a Continent, New York, 1951, pág. 307.

de afastar-se das representações negativas do branco. Isto se manifesta nos avisos por alto-falante, nas advertências pessoais e nos impressos ⁽⁹⁾ postos nas mesas, precenizando ou procurando impor uma conduta indicadora de “máxima ordem, respeito, educação e compostura”, bem como a moderação no uso de bebidas alcoólicas, e mesmo, tentando influir no trajar feminino (por exemplo, admoestações diretas às que não usam meias, ameaçando-as de não serem admitidas ao baile seguinte, caso reincidam na transgressão). Dê-se mesmo significado se revestem tanto o processo de seleção dos freqüentadores quando não sócios e, por conseguinte, desconhecidos (a obtenção de convites depende sempre do comparecimento à sede e da apresentação por um sócio que, tácitamente, se responsabiliza pela conduta do convidado), quanto à proibição de entrada a pessoas que “não tinham sabido comportar-se” em bailes anteriores (houve, mesmo, um processo judicial movido contra a diretoria por sócio expulso em razão de comportamento inconveniente, e que pretendia ser reintegrado).

A organização dêste baile reflete os padrões e valores do grupo social do qual êle constitui um centro de interesses. É onde surgem possibilidades do namôro e recreação, além de outros aspectos secundários para êste artigo. Por isso mesmo, o branco é recebido com reservas, pois representa um fator de perturbação da estrutura do grupo, na medida em que o negro o encara como um interessado na conquista das mulheres presentes. Essa, não resta dúvida, é uma expectativa do negro em relação à conduta do branco e, nesse sentido, diz o presidente do Clube: “Quando vemos um branco entrando, já ficamos cismados”. Realmente, pude observar, num baile mensal e num de carnaval, que os brancos dançavam apenas com as pessoas em cuja companhia estavam. No primeiro, havia um homem e três mulheres, levados por um negro velho, conhecido mestre-sala de várias sociedades de bailes do passado, ainda outra branca que estava num grupo de moças e que pouco dançou, e finalmente eu próprio, que me encontrava em companhia de pessoas com quem mantinha relações desde já há algum tempo. Como eu, o outro branco não dançou fora de seu grupo. No segundo, havia

(9) A título de exemplo, transcrevo um dêles: “AVISO IMPORTANTE: CAVALEIROS E DAMAS. O (...) se preza de ser uma sociedade familiar e, como tal, julgamos desnecessário chamar a atenção dos presentes, para que se portem neste recinto com a máxima ordem, respeito, educação e compostura, que devem reinar obrigatoriamente num ambiente freqüentado por famílias. Portanto, muita atenção! Pois a Diretoria está observando atentamente todos aquêles que faltarem com o respeito ou abusarem do uso de bebidas alcoólicas a fim de tomar enérgicas providências, nas futuras festas do (...), ou seja: vedar, terminantemente, a entrada aos cavalheiros e damas que forem julgados inconvenientes dentro desta sociedade. MUITO CUIDADO! ORDEM E RESPEITO!”

um branco com uma mulata, mais outros quatro homens que devem ter usado convites enviados a jornais e estações de rádio, pois estavam sòzinhos, sendo eu o sexto. Dos quatro que estavam sós, dois saíram após haverem tentado dançar por várias vèzes sem o conseguir; na realidade, um dêles chegou a tirar um par, mas não terminou a série de músicas, como todos o faziam ⁽¹⁰⁾. Quando, mais para o fim do baile, procurei localizar um branco, encontrei apenas aquêle que estava acompanhado da mulata; os outros dois haviam também saído. Por outro lado — e isto serve de contraprova do que afirmo — é possível apontar uma atitude favorável em relação ao branco quando êste é uma pessoa de representação (jornalista ou autoridade), pois participa da reunião como uma espécie de observador e, mais ainda, espera-se que não tentará desenvolver relações de natureza não formal, afetiva, com as mulheres, funcionando também como testemunha de que os negros são pessoas iguais às outras.

II

O baile público que iremos considerar a seguir, começou a funcionar em 1949 e era explorado comercialmente por um negro. Em janeiro de 1952 instalou-se num salão situado em rua próxima ao centro, entre casas de comércio, prédios de apartamento, antigas residências transformadas em pensões, e no mesmo quarteirão onde, antes da atual campanha de repressão à prostituição ⁽¹¹⁾, havia alguns bordéis. Anteriormente funcionara em dois outros locais afastados do centro. Em têrmos ecológicos, pode-se dizer que passou da periferia para a área residencial e, finalmente, para a zona de deterioração. Concomitante ao deslocamento espacial ocorreu uma série de mudanças no seu sistema organizatório: transformou-se de gafieira em boite. Uma das manifestações dessas mudanças foi — e aqui está o nosso problema — o aumento numérico de frequentadores brancos.

Quando funcionava na área periférica, próximo a uma estrada de ferro, além de se apresentar apenas como baile de negros sem atrativo especial para brancos, contribuía também para segregá-lo o fato de se realizar em salão de uma sociedade negra exclusivista; apesar de alugado para horas em que a sociedade não fazia uso do local, esta continuava a emprestar-lhe êsse caráter restritivo. Acres-

(10) O comportamento das moças, nesse caso, corresponde aos padrões de cortesia próprios a um ambiente que se tem por estabelecido seja familiar e decente: moças educadas, num ambiente de pessoas educadas, não podem recusar-se a dançar quando convidadas, mas quando a companhia não satisfaz, aproveitam a primeira oportunidade para abandoná-la.

(11) Esta campanha vem se desenvolvendo a partir de 1951.

centem-se as condições precárias do próprio prédio, que não permitiam acesso fácil ao exterior e por isso mesmo afastavam as pessoas que esperam sempre violências (e esta é uma expectativa do branco) em um lugar onde se reúnem negros, e teremos a explicação da quase-ausência de brancos nesse baile. E isto, a despeito dos esforços do organizador do baile que, desde o início, tivera a intenção de atrair brancos, com finalidades óbvias de maiores lucros e que, para tanto, lançara mão de técnicas tais como a promoção de "horas de arte" para as quais eram convidados artistas e espectadores brancos, bem como de uma fórmula que anunciava um lugar "de gente de côr onde branco se diverte". Divergências entre o organizador e a direção da sociedade proprietária do salão, às quais, parece, não era estranha essa orientação, provocaram um rompimento e a mudança para outro local.

O salão onde se instalou em 1950, situado numa zona residencial, era bastante espaçoso, com acesso por escada larga, janelas para a rua, grande bar no porão e uma espécie de balcão que se atingia sem passar pela pista de dança e que, por isso, oferecia aos interessados possibilidades de assistir ao baile sem dêle participar. Situa-se em área de velhas casas operárias, onde já apareciam alguns cortiços, com grupos de vizinhança constituídos de negros e brancos. Assim, encontrei brancos fazendo parte de rodas de negros, aos quais se ligavam por laços de amizade estranhos ao baile e este fato contribuía para a boa aceitação de outros brancos que ali compareciam sem ter quaisquer relações no grupo negro. A estes elementos acrescentamos dois outros também importantes neste ponto: a publicação, por revista semanal de grande repercussão, de uma reportagem fotográfica onde se fazia referência aos gran-finos negros e especialmente às gran-finas com seus casacos de pele, fato que despertou a curiosidade em tôrno desse baile; e o apôio dado pelo proprietário ao candidato oficial nas eleições de 1950, fato que garantiu uma série de notícias com fotografias dando conta da visita de próceres políticos ao salão. Todos esses elementos criam as condições que explicam o aumento numérico de freqüentadores brancos.

A atitude dos freqüentadores brancos era, ou de curiosidade, ou ditada pelo interesse de conquista amorosa. No primeiro caso, permaneciam quase sempre no balcão, de onde podiam apreciar melhor, e no segundo, tomavam mesas em tôrno da pista — uns e outros, é bom esclarecer, constituíam pequena porcentagem dos freqüentadores. O principal interesse, no grupo negro, era a dança; dançava-se intensamente desde o início até o fim do baile, sendo comum verem-se pessoas suadas e com as vestes em desalinho. O quadradinho, em que os negros são exímios, era a dança de maior prestígio.

A atitude restritiva da mulher negra para com o branco, definida a partir do interesse pela dança e a atitude associativa do homem branco para com a negra, definida a partir do interesse pela conquista amorosa, dificultam o estabelecimento de relações entre os homens de um e as mulheres de outro grupo, mesmo quando, fora do baile, se afinam os interesses. Realmente, soube de vários brancos que não conseguiram arranjar companheiras de dança, uma vez sequer, e que, à saída, tendo oferecido condução a mulheres que se encontravam sòzinhas, viram seu convite aceito. Mais ainda, neste momento, essas mulheres evitavam mesmo seus companheiros de dança negros. Pude observar casos, e isto serve de contraprova de minha afirmação, de brancos aceitos como companheiros de dança no momento em que se tornou conhecida sua habilidade de dançarinos, e também de mulheres que, apesar de se encontrarem em companhia de brancos com quem mantinham relações amorosas, dançavam com outros homens e, não raro, com mulheres.

III

O salão que êsse baile público passou a ocupar quando mudou para a área central era bem menor que o anterior, tendo capacidade para pouco mais de duzentas pessoas. O baile deixou de se realizar apenas às quartas-feiras, sábados (sòmente à noite) e aos domingos (à tarde e à noite), para funcionar durante tôda a semana, com exceção das sextas-feiras. Com o tempo foi suspenso o vespéral dos domingos. O preço do ingresso aumentou, tornando-se bem mais elevado que o de outros bailes da mesma categoria. As bebidas encareceram, sendo suprimida, mesmo, a mais barata delas — uma mistura levemente adocicada, cujo principal componente era aguardente. A freqüência modificou-se.

Êsse aumento verificado no preço da entrada já promove uma seleção no grupo negro masculino; além disso, no momento em que desaparecem as cadeiras isoladas e o espaço fica todo ocupado por mesas, torna-se imprescindível o consumo de bebidas. Apenas os integrados ao sistema de classes sociais (vários dêles meus conhecidos do baile de clube analisado no item I) estão em condições de arcar com tais despesas. À medida em que o baile se apresenta a êstes negros, presos a grupos de convivência e portanto não desvinculados socialmente, como um lugar onde se conquistam mulheres, e à medida em que a própria disposição material do salão leva os pares a um convívio íntimo durante a reunião dançante, opera-se uma seleção paralela no grupo feminino — decai o prestígio da exímia dançarina e se valoriza a mulher bonita, simpática e, principalmente, acessível. Nesse sentido, são ilustrativas as mudanças observadas

em uma das raras freqüentadoras que resistiu a esta transformação no sistema organizatório do baile: em pouco tempo deixou de chamar a atenção pelo fato de dançar bem para fazê-lo pelos vestidos bonitos, finos e realçadores do seu tipo físico. De companheira de dança, passou a ter preço. No que se refere ao interesse de conquista amorosa por parte do homem negro, é esclarecedora a tentativa, feita pelo proprietário, de introduzir prostitutas brancas, com a intenção de atrair freqüentadores brancos; essas mulheres, porém, tiveram êxito apenas no grupo negro.

Aumenta ainda mais a afluência de brancos. De um lado, isto se explica pela localização em rua central e de intenso movimento, distante de bairros de população negra densa e próximo à área de diversões noturnas da cidade, bem como por ter anteriormente funcionado no mesmo local, com grande êxito, uma gafieira de brancos. (Esta circunstância levava muitos brancos, antigos freqüentadores, a ir, numa atitude saudosista, “ver como está aquilo agora”, sem saber da mudança ou, ainda, pensando tratar-se de nova gafieira nos mesmos moldes da antiga. Alguns só percebiam que se tratava de baile de negros depois de subir as escadas, pagar a entrada e chegar ao salão.) De outro lado, o maior número de brancos explica-se pela boa acolhida a êles dispensada pelos organizadores do baile. Dessa atitude favorável dá testemunho o proprietário ao fazer comentário, visivelmente satisfeito, sobre uma pessoa que dançava com evidente espalhafato: “olha aquele branco como se diverte!” Ou ainda o caixa do bar, seu sobrinho, ao dizer do “interêsse da casa em ter freqüentadores que tomem uísque e não cerveja”, indicando a orientação a ser seguida para atingir êsse objetivo: “com o tempo passaremos a selecionar nossos freqüentadores; deixaremos entrar apenas os melhor situados na vida, usando a reserva de mesas para evitar a entrada dos que não interessam”. E os que interessam, são os brancos, como se evidencia quando diz: “o senhor veja, uma branca, mesmo prostituta, não vai dançar com êsses negros vagabundos que há por aí”.

Êstes dados indicam a possibilidade de concretizar-se nesse baile o interêsse pela conquista amorosa do freqüentador branco, anteriormente apenas latente. Realmente isto se dá, mas se faz acompanhar por uma substituição, no grupo negro feminino, do interêsse de dança pelo de retribuição monetária às atenções dispensadas.

Acrescentemos aqui os fatores que constituem condição dêsse processo de substituição de interêsses e sem os quais não pode êle ser compreendido — processo imprescindível para a explicação das relações entre negros e brancos neste baile. O primeiro liga-se ao fato de essas mulheres não serem mais virgens. Consegui localizar apenas três que gozavam dessa reputação e, mesmo assim, duvidava-

se que uma delas realmente o fôsse; dessa moça, bonita e prestigiada e por isso mesmo bastante comentada, dizia-se que, com sua propalada castidade, pretendia apenas “fazer onda”, “ganhar cartaz”. A maioria havia perdido a virgindade antes de começar a freqüentar bailes, em várias situações anteriores. O segundo diz respeito à posição de empregada doméstica que predominava entre as freqüentadoras. Êste tipo de trabalho é altamente absorvente, implicando numa atividade constante da manhã à noite, com folga geralmente em domingo à tarde. Para muitas o baile representa horas de sono que não podem ser recuperadas pela manhã. Conseguem manter essa situação enquanto se limita aos sábados e domingos, mas quando se estende a todos os dias da semana, não mais podem corresponder às expectativas dos patrões e são obrigadas a deixar o emprêgo (12). Resta considerar ainda os próprios valores e interêsses novos adquiridos no baile, os quais sendo incompatíveis com a condição de doméstica, levam a mulher a almejar, primeiramente, e depois a buscar, outro tipo de trabalho.

As tentativas dessas mulheres para conseguir novo emprêgo, seja para substituir a colocação perdida, seja para melhorar de situação, falham, pois não possuem qualquer qualificação profissional e, não raro, são analfabetas. Coloca-se desta forma a questão de se manterem através de atividades diretamente ligadas ao baile. A renda auferida por participação no show, por porcentagem em bebidas consumidas e pela retribuição monetária ocasional às relações sexuais, destina-se a livrá-las de dificuldades enquanto estão sem emprêgo e é gasta, principalmente, na suplementação do aluguel do quarto e da alimentação e na compra de roupas, pois a principal condição para manter a situação em que se encontram é ser atraente. Isto se evidencia quando: levam o parceiro para o hotel em que estão hospedadas e dêste modo se livram do pagamento da diária; permanecem no hotel após a saída do companheiro e assim economizam a quantia que gastariam para dormir; pedem uma ceia ou um almôço para o dia seguinte (13); ou mostram uma peça de roupa estragada (a meia que se desfiou, por exemplo), como

(12) Não resta dúvida de que há uma relação entre a condição de doméstica e a perda de virgindade, pois a própria natureza do trabalho (morar em casa dos patrões) obriga a moça a desligar-se do grupo de convivência, escapando dêste modo aos seus mecanismos de contrôle. É necessário considerar ainda, para tornar mais clara essa relação, que o processo de intensa urbanização de São Paulo, levando o recrutamento dessa mão de obra ao interior, acarreta, além da ruptura quase total com o grupo de convivência, os desajustamentos de personalidade oriundos de uma mudança violenta nas condições de existência social, para a qual não havia recebido adestramento adequado.

(13) Como a que pediu ao companheiro cinquenta cruzeiros, quantia muito inferior à exigida para o ato sexual nessa época, a fim de comprar um frango para o almôço, explicando: “não tenho dinheiro e quero comer um frango”.

a exigir retribuição. Mais tarde, tôda a subsistência passa a ser garantida por essas atividades e a prostituição deixa de ser ocasional para definir-se em termos rigorosamente profissionais ⁽¹⁴⁾.

Com a substituição de interesses já indicada, e considerando o "machismo" ⁽¹⁵⁾ do negro, que o leva a evitar a retribuição econômica das relações sexuais e também o fato de suas possibilidades econômicas serem geralmente menores que as do branco, explica-se a preferência da mulher negra dêste baile pelo branco e, conseqüentemente, a redução progressiva, até a eliminação, do freqüentador negro. Preferência expressa em termos como êstes: "antigamente só gostava de negro, mas hoje vejo o quanto estava errada; êles só querem tirar proveito da gente", ou mais cruamente, "eu durmo com um patricio, êle quer ir para o meu quarto, não me deixa sossegar durante a noite, de manhã quer dinheiro para uma média com pão e manteiga, e ainda por cima preciso dar-lhe um passe de bonde... o que eu quero é gaita". As causas apontadas para essa redução, processada intensamente no primeiro ano de funcionamento do baile no lugar atual, ficam claramente expressas no fato dos poucos negros que aí ainda se "aventuram" estarem sempre em companhia feminina. O último habitué do velho estilo, um preto ótimo dançarino, resistiu ao aumento de despesas e à mudança de interesse no grupo feminino enquanto teve um par certo (por exceção uma loira) que pagava seu ingresso, desaparecendo quando essa mulher deixou de freqüentar o baile.

Falta analisar, para se ter o quadro necessário à explicação das relações entre brancos e negros neste baile, a persistência, durante todo o processo descrito, da atitude de curiosidade por parte de alguns freqüentadores brancos e de seu papel nessas transformações, seja contribuindo para o aumento do nível de despesas do participante, seja constituindo o primeiro momento da definição do interesse de conquista amorosa, seja ainda introduzindo, a partir de um certo momento, a mulher branca curiosa — portanto, agindo

(14) A seleção iniciada no grupo feminino pela mudança de interesse do homem negro completa-se, pois só as que atraem o branco (em geral as que se aproximam do padrão de beleza do grupo dêste e, portanto, mestiças, as mais das vêzes de tez clara), conseguem tirar o seu sustento do baile e através das relações nele estabelecidas. As outras entregam-se à prática intensa da prostituição e passam a aparecer apenas ocasionalmente ou depois do movimento decrescer. A própria direção do baile estimula isto, ao oferecer às de maior sucesso certas vantagens como participação no show e porcentagem no consumo de bebidas; exige, em troca, a presença do início ao fim do baile. Em uma palavra, emprega-as.

(15) "Machismo" que resultou, ao que parece, de uma reelaboração do padrão de conquista de mulheres vigente na família tradicional brasileira (cf. a análise da família brasileira, feita por Antônio Cândido op. cit.), em condições de existência social nas quais o negro era constantemente preterido em favor do branco. Cf., ademais, R. Bastide e F. Fernandes, op. cit., cap. III, págs. 153-154.

como fator de refôrço do interêsse já definido e definindo um novo: o conhecimento de algo diferente, motivado pela curiosidade.

Consideremos, de um lado, o presente período de urbanização e industrialização da cidade, permitindo o aparecimento de indivíduos em plena ascensão social, sem interêsses e atitudes cristalizados, e produzindo desajustamentos em certas camadas da população tradicional ainda não integradas na vida urbana. Isto cria um estado de insatisfações e tensões que leva, na busca de novas formas de ócio, à procura do diferente, do estranho, a fim de atenuá-las⁽¹⁶⁾. E gera também a existência de uma população cosmopolita, ansiosa de conhecer o pitoresco. De outra parte, conforme as representações do "mundo dos brancos", há sempre a expectativa de encontrar o diferente, o estranho, o pitoresco, num ambiente apresentado como de negros. Com êstes elementos, compreende-se o halo de curiosidade que envolve esta boite e as fôrças que o sustentam (a procura de um modo de quebrar o tédio e a necessidade de conhecer o Brasil imaginado dos estrangeiros e se explica o aumento crescente dos frequentadores das camadas elevadas da população branca, tomando completa e constantemente tôdas as acomodações do salão (fato raramente acontecido antes desta fase), bem como a permanência estável do número de mulheres negras. São mulheres e homens brancos que aí vão por curiosidade e, isto tanto corresponde à realidade que, ou permanecem isolados em suas mesas à espera do show, observando a conduta das negras (porque negros não os há mais) ou, caso tenham um companheiro familiarizado com o ambiente, ouvem com atenção suas explicações a respeito dos fatos que os envolvem ou, ainda, quando por qualquer circunstância uma negra senta-se à mesa, ficam a observá-la atentamente. Resta indicar a fluência contínua, numa parte do grupo masculino, dêste interêsse para o de conquista amorosa, pois, de um lado, a própria organização do baile (o interêsse da mulher negra e o do proprietário) e, de outro, os padrões da sociedade branca herdados da família tradicional e a desvinculação social da população cosmopolita, agem nesse sentido.

As mudanças ocorridas no número de variedade ilustram os processos analisados⁽¹⁷⁾. De início, a atração principal era um

(16) Isto pode ser visto pelo número de estabelecimentos (bares, boites, etc.) instalados nestes últimos anos para servir a êsses grupos — cerca de uma centena — e pretendendo, cada um, apresentar-se com uma característica que o diferencie dos demais e que é usada como técnica de atração.

(17) Na realidade, as mudanças ocorridas no show constituem condição e decorrência dêsses processos, e a análise das vinculações dessas realidades impor-se-ia se outra tivesse sido a orientação expositiva ou outros fôssem os objetivos dêste artigo. Limitando-me a indicar a direção que deveria tomar essa análise, chamo a atenção para o texto, seqüente à chamada desta nota, onde se pode perceber o show como condição;

ventríloquo de grande nome nas estações de rádio ⁽¹⁸⁾ e, vez por outra, uma rumbeira do tipo popularizado pelo cinema mexicano e que alcançava grande êxito quando, deitando-se no chão, continuava a executar movimentos rítmicos, acentuando, pela posição, os aspectos eróticos da dança. Passou depois a ser constituída por três bailarinas mulatas, de belos corpos pouco vestidos, para finalmente compor-se de um conjunto onde aparecem, ao lado dessas moças, outras também esculturais, bem como dois rapazes. A música para essas danças muda de popular (samba, marcha, bolero, rumba) a “folclórica”; a orquestra é substituída pelo atabaque; a dança apresenta-se com pretensões a folclore negro. O número que satisfazia, inicialmente, ao gosto de um público originário das camadas residuais da população, passa a corresponder ao do grupo masculino interessado na conquista amorosa e, num terceiro momento, ainda ao destes últimos (na medida em que é mantida a escassez de vestuário na “dança folclórica”) e ao das pessoas da camada social descrita no parágrafo anterior.

A análise realizada evidencia a existência de três constelações distintas de interesse. Como no baile de clube se projeta a rede de relações sociais do grupo de convivência familiar, os interesses são a recreação e a busca e encontro de namorados. Na gafieira, constituída a partir de elementos residuais da população e de outros socialmente desvinculados, o interesse definido inicialmente — a dança — tendo, como foi visto, sido solapado por uma série de fatores, é redefinido, surgindo, com a transformação em boite, três categorias convergentes, latentes na situação anterior — a conquista amorosa, a retribuição monetária às atenções dispensadas, e a curiosidade.

As relações entre brancos e negros mudam com a constelação de interesses de cada uma das situações. Na primeira, a presença, ao nível de consciência do negro, dos preconceitos do “mundo dos

a fim de evidenciar o seu caráter de decorrência, aponto as reclamações feitas ao proprietário (Oh Fulano! Quando é que você vai acabar com esse ventríloquo sem graça?), lembrando também serem os “bebedores de uísque” os seus autores... Dentro do espírito desta nota, devo acrescentar que se encontram em situação análoga as transformações ocorridas no que se poderá chamar de substrato material do baile (e este termo é bastante compreensivo para incluir o show): a reforma das instalações sanitárias, a colocação de exaustores (assisti a uma longa conversa do proprietário com um freqüentador engenheiro sobre a melhor localização deles), a melhoria dos serviços de bar, a decoração, o aparecimento de um porteiro, o contrato de melhores instrumentalistas para a orquestra, etc. Para a consecução dessas melhorias houve necessidade de mais capital e para esse fim o proprietário admitiu dois novos sócios (por sinal brancos e estrangeiros).

(18) Para os que conhecem o freqüentador desses locais, este dado serve como forma de controle da afirmação feita sobre a camada social do homem e da mulher de gafieira...

brancos”, desenvolve uma atitude de desconfiança que impede a integração do branco e impõe o estabelecimento de relações dissociativas e categóricas. Na segunda, o branco, apresentando-se com interesses diferentes e divergentes dos do negro, não encontra canais de integração no grupo, tendo isto por resultado uma atitude de indiferença e o aparecimento de relações restritivas e neutras ⁽¹⁹⁾. É bom não se esquecer de que, neste caso, o branco quando bom dançarino tem possibilidades de integração e de desenvolvimento de relações associativas com o grupo negro. Na terceira, em que os interesses se complementam, desenvolve-se uma atitude favorável da negra para com o branco e emergem relações associativas e em alguns casos simpatéticas entre o branco e a negra; e uma atitude desfavorável e relações dissociativas entre esta e o homem negro.

Concluindo: projetam-se no baile negro, na medida em que é um centro de interesses de um grupo de convivência, as atitudes raciais dêsse grupo; de outro lado, quando constitui um centro de interesses sem vinculações com um determinado grupo de convivência, as atitudes raciais flutuam conforme os interesses peculiares às diferentes posições sociais de seus participantes e às possibilidades de integração destes interesses no sistema organizatório do baile. Esta conclusão é bastante significativa na medida em que evidencia a impossibilidade de se aceitarem caracterizações da situação de contacto racial que não sejam referidas aos processos estruturais gerais ⁽²⁰⁾.

RENATO JARDIM MOREIRA



(19) Uso relações neutras, para indicar aquelas que caem nos limites entre as categóricas e as simpatéticas.

(20) Outra conclusão, marginal, sem importância para o artigo, mas atual para nossa sociedade, é a de estar o combate à prostituição numa base puramente repressiva, como tem sido feita, fadada ao malôgro, pois essa orientação, desconhecendo os processos sociais que criam condições e impelem as pessoas para essa atividade, não poderá jamais atingir o núcleo do problema e chegar a uma solução satisfatória.

Caudilhismo (Redação),	223
Evolução da geologia no século XX (Raymond Furon),	228
Desapareceu Giovanni Papini (Bruna Becherucci),	249
O mandonismo local na vida política brasileira (Maria Izaura Pereira de Queiroz),	253
Branços em bailes de negros (Renato Jardim Moreira),	274
Imagem e Semelhança (P. M.),	289
JORNAL DE 30 DIAS — Dies Irae, 292 — Ainda Suez e eleições norte-americanas, 299 — Guatemala, 1956, 303 — Crise racial nos EUA, 304 — Calendário do agricultor, do horticultor e do floricultor, 305 — Bichos do nosso deserto, 307 — Vírus e sociedade, 309 — Cêra pior que o defunto, 309 — Ainda o pasquim fascista, 310 — Giannino Carta, 313 — A Força Pública e o policiamento, 314 — Gêlo antibiótico para a pesca,	318
LIVROS DE 30 DIAS — “Sangue, corrupção e vergonha” (Eunice Breves Duarte), 319 — Estudo de literatura, pesquisa histórica e biografia (Antônio D’Elia), 321 — Jacuqui (Odilon Nogueira de Matos), 328 — “Diário de uma viagem ao Brasil” (J. F. de Almeida Prado), 331 — A indústria e o movimento constitucionalista de 1932, 335 — Publicações da UNESCO, 337 — Registro bibliográfico,	341
CIENCIA DE 30 DIAS — Crítica situação do ensino das ciências (J. Reis), 347 — Prêmio Moinho Santista, 348 — Congresso de professores de ciências, 349 — Autarquia ou bom senso para os institutos de pesquisa?, 350 — Problemas de educação de físicos, 352 — Promazina, 353 — Estados de tensão, 353 — Impressora magnética, 355 — Novas doenças infantis, 356 — Temperatura do sol na terra, 357 — Estrutura da heparina, 357 — Função do nariz, 358 — Estrutura química da sesamolina, 358 — Câncer e fumo, 359 — As mais velozes partículas, 359 — Recrutadas para a ciência, 360 — Para evitar a evaporação, 360 — Derrota do lisenquismo, 361 — Curiosa maneira de conquistar um cientista, 362 — O mais novo hormônio androgênico, 363 — Apoplexia e anticoagulantes, 363 — Combate à saiva, 364 — Borboletas migradoras, 365 — “Annual Review of Entomology”, 365 — Ciência e humanismo, 366 — Centenários científicos de 1976, 367 — Amedeo Avogadro, 370 — Ajudemos a estação zoológica de Nápoles, 372 — Alexandre Rodrigues Pereira, 373 — Fêcho,	374
ARTES DE 30 DIAS — Teatro: Questões de atualidade — II (Paulo Mendonça), 375 — Bertolt Brecht, 378 — Shaw como dramaturgo (T.C. Worsley), 380 — Crônica Italiana (A. G. Bragaglia), 382 — Música: Curso de interpretação de Madalena Tagliaferro (J. C. Caldeira Filho), 388 — Concertos do mês, 389 — Discos do mês (J. Veiga Oliveira), 391 — Plásticas: Relógio na frigideira (Armando Ferrari), 399 — V Salão Paulista de Arte Moderna, 400 — Zélia Salgado, 401 — Firmino Saldanha, 402 — Fayga Ostrower, 403 — Museu dos presépios (Loudes Duarte Milliet), 403 — Exposições retrospectivas na bienal de Veneza (B. B.), 415 — Cinema: Getúlio Vargas, glório drama de um produtor (Marcos Margulies), 417 — Resenha do mês, 422 — As falências, os norte-americanos e os seios (Tigueminho Neto), 428 — Rádio e TV de 30 dias (Anhangá), 430 — “Senso”,	434

